

ARQUEÓLOGA DALILA CORREIA (FUNDAÇÃO CÔA)

23 de Julho de 2014

ARQUEOLOGIA NO VALE DO CÔA

Como caracteriza o Vale do Côa?

Dalila C.: O Vale do Côa é um vale situado no interior do país, paralelo à fronteira com a Espanha. Este possui um rio que corre de sul para norte e é caracterizado principalmente na sua área final, na sua secção final, por ser um vale extremamente encaixado. Geomorfologicamente é formado por xistos e também, numa área um pouco mais a montante do que é hoje a área do Parque Arqueológico do Vale do Côa, por uma área granítica. É também, por ser um vale muito encaixado e de ter temperaturas térmicas extremas, de Inverno para o Verão, um sítio de difícil acesso, o que permitiu preservar assim um ecossistema que é hoje considerado Rede Natura 2000, ou seja, hoje é uma zona de reserva de protecção especial, não só protegido pelo seu valor cultural.

Em 1991 quando foram encontrados os primeiros 16 núcleos de arte rupestre, as obras da Barragem do Côa já se tinham iniciado. De que forma a comunidade reagiu a esta descoberta?

Dalila C.: Embora as gravuras tenham sido descobertas em 91, o público em geral só tem conhecimento delas, pela comunicação social, em finais de 94. Quando surge esta grande novidade, de umas gravuras que existiam aqui ao lado e que sempre existiram e, que, por sua vez, eram muito antigas e podiam por em causa a construção de uma grande barragem, esta notícia é aceite de forma muito diferente, não só por parte da população em termos nacionais, mas particularmente em termos locais.

A população residente acabou por se dividir, uma parte da população, que se calhar era mais activa, por questões culturais, por questões políticas, por questões de vivência, defendia que a construção de uma barragem seria sempre melhor que a preservação de umas gravuras que sempre existiram e que nunca ninguém lhes ligou nenhuma. Portanto, causou um grande impacto, quando a população estudantil, essencialmente a escola Secundária de Vila Nova de Foz Côa, defendeu que o património seria muito melhor que a construção de uma barragem, até porque esses valores patrimoniais que



Fig. 76 Arqueóloga Dalila Correia

eram agora descobertos tinham sido ensinados na escola. Deste modo, a população estudantil, a população jovem e alguma parte da população activa defendia que era melhor a preservação.

Naquela fase (a polémica desenvolveu-se ao longo do ano de 95), haviam muitas pessoas a alugar residências para os trabalhadores que estavam a construir a barragem, havia parte da população nas zonas mais rurais, nas aldeias, que estavam a vender os seus terrenos à EDP, que iriam ficar submersos, e evidentemente que este factor económico, de um dinheiro que vinha rapidamente e com alguma facilidade, superou a ideia de que culturalmente isto podia ter um desenvolvimento superior. Em termos de longevidade a preservação do património cultural teria mais ganhos do que a construção da barragem, portanto, diariamente a comunicação social falou do assunto e este tema era acompanhado com muita energia e com muitos conflitos por parte da população de Foz Côa. Eu, na altura, era também estudante e portanto acabei por viver esses momentos de polémica, que nunca se teriam imaginado anos antes aqui em Vila Nova de Foz Côa.

O Vale do Côa constitui uma vasta região de manifestações artísticas. O que torna este território único no mundo?

Dalila C.: O aparecimento da arte paleolítica do Côa foi uma grande surpresa, não só para a população local, mas também para a comunidade científica, isto porque, quando apareceram as primeiras gravuras ao ar livre, o que se tinha como critério ou o que se tinha como paradigma da arte paleolítica era a arte das grutas, das cavernas, do escondido e portanto era uma arte não pública. Quando surge a arte do Côa, conhecia-se de facto quatro ou cinco sítios de duas, três rochas e em 94 descobre-se 24 sítios, isso faz com que se perceba que o homem no paleolítico superior não gravaria apenas no interior das grutas e que no Vale do Côa não poderia ser uma excepção a regra, mas sim uma regra, ou pelo menos, aqui teria sido a regra, gravar ao ar livre. António Martinho Batista, que lidera a investigação da arte rupestre no Vale do Côa, chama a esta arte, arte da luz, porque, de facto, ela é uma arte pública e é uma arte para quem passa, ter acesso a ela.

Portanto, a descoberta do Vale do Côa, veio alterar o paradigma do paleolítico superior. Hoje em dia conhecem-se mais de 1000 rochas gravadas, quase 30km com arte paleolítica e também com a presença de arte dos períodos subsequentes até à história recente, da idade ferro, do século XVII, XVIII, XIX, até aos nossos dias. Isto torna o Vale do Côa o maior sítio de arte paleolítica ao ar livre no mundo e a UNESCO classifica este local, precisamente pela sua colecção, como património mundial.

Claro que o Vale do Côa que foi descoberto em 91 e foi tornado público em 94, hoje em dia tem muito mais informação para nos dar, pois foram sendo descobertas muito mais rochas. Neste momento temos mais de 70 sítios inventariados, o que o torna uma galeria gigante, feita desde o paleolítico superior, desde á 25 mil anos até a contemporaneidade.

Existe a possibilidade de visita a três sítios de arte rupestre no Parque Arqueológico do Côa. O que os distingue?

Dalila C.: Neste momento o Parque Arqueológico do Vale do Côa em conjunto com o Museu do Côa, portanto a Fundação do Côa que gere quer o edifício do museu, quer o